

A cultura material no processo educativo: museus, objectos e ofícios tradicionais na reconstrução de identidades e evocação de memórias

Sandra Nogueira †

Resumo: O presente artigo, reflecte essencialmente sobre o papel dos objectos e artefactos no processo educativo das populações, assim como a sua responsabilidade na reconstrução da identidade cultural das comunidades. Sendo o Museu, o espaço privilegiado para a conservação, estudo e perpetuação da cultura material, o artigo explica também como podem estas instituições, nomeadamente os museus locais, estabelecer a ligação entre a instituição e a Comunidade que representa, nomeadamente junto dos mais jovens. Analisados e demonstrados são também, algumas pequenas mas, grandes iniciativas, levadas a cabo em Portugal, onde através dos artefactos e dos Ofícios Tradicionais Portugueses se prova que quer os mais velhos, quer os mais novos, continuam sensíveis e apelativos a esta matéria, quando solicitados e incentivados para tal.

Palavras chave: Património; Preservação; Identidade Cultural; Memória Social; Multiculturalidade

Abstract: The present article, talks mainly about the objects and artifacts role at the educational process of the populations, as well as, their responsibility in the reconstruction of the cultural identity of the communities. Because the Museum is the best place for conservation, study and perpetuation of the material culture, the article explains how museums, especially the local museums, can make and maintain the link between the institution itself and the Community, mainly the young people.

Analized and proved are also some small but, at same time big events, occured in Portugal, where through the artifacts and the Portuguese Trades, I've been showing that adult and young people are sensitive and attracted to this subject.

Keywords: Heritage; Preservation; Cultural Identity; Social Memory

† Licenciatura em Antropologia pela Universidade Técnica de Lisboa. 1714 W. Thompson Ave. Enid – Ok. 73703 USA E-mail: sandrix@swbell.net URL: <http://www.geocities.com/sandrix65/Mainpagesandrix.html>

«O objectivo da uma política de cultura não deverá (...) resumir-se à protecção de um património e de um espaço cultural. Deverá ser o de pôr os indivíduos e os grupos em condições de recompor uma personalidade, uma identidade»

Jean-Marie Domenach

A citação de Jean-Marie Domenach, é um bom ponto de partida para a reflexão das políticas culturais desenvolvidas em Portugal, quer a nível nacional – governamental -, quer a nível local e regional – Autarquias -. Ambos os lados – Governos e Autarcas -, têm privilegiado maioritariamente políticas e planos culturais que se encontram ao nível da *animação cultural*, em detrimento da *acção cultural*, sendo que esta última quanto a mim, se encontra num patamar de maior profundidade e rigor, ou seja, planos de acção cultural que prevelem a formação, planos que fomentem a aprendizagem multicultural, planos que reinventem os patrimónios materiais e não só, e ainda, a formação ou reafirmação identitária das populações.

É evidente que desde 1975 – data em que Portugal conquista a democracia -, muitas têm sido as experiências e podemos também registar boas melhorias e aberturas à mudança. Contudo, na maioria dos casos o panorama é ainda preocupante, e as políticas culturais visam essencialmente o efémero, salvo algumas excepções.

Particularizando o anteriormente dito, e, falando da realidade que melhor conheço, posso dizer que vivendo no concelho do Cartaxo mais de 20 anos - Concelho situado no Centro Litoral de Portugal -, as sucessivas políticas culturais espelham-se no parágrafo anterior, isto é, como diz o ditado popular, "muita parra, pouca uva".

Ao longo de todos estes anos, nunca foram criados ou desenvolvidos planos de intervenção e acção cultural ao nível do Concelho, por forma a reforçar o associativismo, as artes e ofícios tradicionais, a etno-musicologia, a gastronomia local e até mesmo a arquitectura tradicional.

Todos os projectos têm-se consubstanciado no efémero. A única boa excepção é o Museu Rural e do Vinho, que mais do que preservar a memória vivencial de uma população dedicada à actividade agrícola, com destaque para a vitivinicultura, foi sem dúvida um projecto que inicialmente mobilizou a população, no sentido que cada um dos visitantes podia de certa maneira reconstruir o seu passado e em muitos casos a sua história familiar.

Contudo, as mudanças de gestores autárquicos, imprimiram uma descontinuidade nas políticas culturais destinadas ao Concelho. De facto, o Museu Rural e do Vinho é actualmente não mais do que um repositório de peças que contam histórias de um passado para alguns longínquo e, para outros mais ou menos presente. O projecto é um Eco-Museu que pretendia fazer a ligação entre todo o Município, através da sua extensão em núcleos, situados em algumas freguesias do Concelho. Infelizmente a ideia ficou na gaveta.



O Museu parou a sua actividade investigativa e expositiva e, por conseguinte, "estancou" a ligação Museu/Comunidade e Museu/Escola.

Pergunto-me diversas vezes:

O que fazer para a educação patrimonial?

Como fazer a integração Museu/Escola?

Qual o papel do Turismo no binómio Património/Educação?

Que iniciativas poderão ser levadas a cabo, por forma a se educar as novas gerações, para a preservação e reinvenção dos patrimónios culturais?

Uma equipa multidisciplinar qualificada é indispensável para actuar nesta vertente. Linhas de actuação como, a promoção de programas de divulgação e valorização do Património, o aprofundar das técnicas de preservação e de educação, devem ser passos prioritários na alteração das políticas museológicas. Porque os museus são muito mais do que uma colecção. Os museus são também os seus profissionais, os públicos e as memórias que estão por detrás dos objectos.

Os museus são por excelência, espaços pedagógicos, espaços de divulgação do discurso, da formalização e consolidação das identidades. A visão das nossas próprias raízes culturais definidas e representadas num espaço museológico, é importante para o visitante, principalmente porque, face ao fenómeno *Globalização*, cada vez mais se vive sobre a influência dos particularismos nacionais, regionais e locais. Esta situação tem sido também um desafio para a Museologia e Antropologia, centrando muitas das atenções no estudo do «Eu», ou seja, do mundo e/ou meio ambiente que nos rodeia.

Atenta desde muito cedo, ao papel educativo dos museus no processo de crescimento e aprendizagem das crianças, ainda durante o tempo de Faculdade, decidi em co-autoria, avançar com um projecto de divulgação do Museu Rural e do Vinho do Cartaxo, junto das Escolas do 1º Círculo do Ensino Básico em todo o Concelho.



Museu Rural e do Vinho

A iniciativa designou-se *O Museu Mais Perto das Crianças* e, embora não tivesse percorrido todos os estabelecimentos de ensino, ainda estivemos quase 3 meses no "terreno", com pequenas palestras cerca de 2 vezes por semana. Nessa altura o Museu comemorava o seu 9º aniversário e esta seria uma boa altura para verificar até que ponto aquele espaço cultural construído para a Comunidade, fazia parte do seu dia a dia.

A experiência foi interessante e gratificante, mas verificámos que na maioria dos casos a instituição era totalmente desconhecida pelos mais novos, nomeadamente por aqueles que residiam nas freguesias e não na sede de Concelho – Cartaxo -, onde se encontra sediado o Museu. Tornou-se deveras importante esta nossa missão de "levar" o Museu Rural e do Vinho até junto das crianças que desconheciam a sua existência. Para nós, ficou claro que um projecto de musealização do Concelho e para o Concelho, mas que é desconhecido pela maioria da sua população, é à partida um projecto fracassado.

Trabalhar em museologia sem ter em mente um serviço público e uma visão educativa é contra a filosofia e o estatuto social do museu, enquanto instituição primeiramente pedagógica.

Porque o papel dos Museus é mesmo este: informar, actualizar, conhecer, estudar e investigar, mas também questionar. É importante e saudável que, as colecções apresentadas suscitem questões e debates.

Para que a população "sinta" e viva o Museu, este tem primeiro uma caminhada de aproximação da Comunidade em geral e, depois dos grupos em particular, sejam estes escolares, institucionais, económicos, etc. Este é um trabalho constante, que exige um contacto permanente entre a instituição museal e o público, não só através do trabalho de campo realizado pelo cientista social, como também através de iniciativas diversas levadas a cabo pelo Museu, e que, passam por exposições temporárias, criação de um bom serviço educativo, estabelecendo desta forma uma proximidade entre o Museu e a Escola ou

pequenas palestras, como foi o caso da que realizámos em 1994, fazendo desta forma a ligação Museu/Comunidade local.

Os objectivos da proposta foram atingidos. Dar a conhecer ao maior número de crianças possível o Museu que caracteriza não só as gerações passadas, como também as vivências actuais duma população rural, que se revê, cultural, social e economicamente na produção vitivinícola.

O desafio assentava precisamente na divulgação e, de certa forma, numa iniciação educacional para o património ou patrimónios do Concelho do Cartaxo. A educação patrimonial exige uma iniciação, um tempo para a aprendizagem. O gosto e a apreciação pelos patrimónios de uma região, comunidade ou País, educam-se, aprendem-se e recriam-se. Estar atento e actualizar-se é a chave para o progresso e a sobrevivência.



Com isto não pretendo afirmar que o Museu se deva sobrepor ou substituir à Escola. O Museu deverá ser o complemento educacional para os educandos. Hoje, a situação continua na mesma e muito do trabalho científico desenvolvido naquele Museu, já se desgastou no tempo.

Actualmente, o projecto museológico a que me refiro nada mais é do que um punhado de objectos parados e especialmente “mudos”. Porque agregadas aos objectos permanecem as memórias de quem os concebeu, fabricou, trabalhou e de quem os eventualmente os doou à instituição. Se não se contarem, e principalmente, se não se lembrarem essas memórias, as perdas são inevitáveis e irreparáveis. É importante não esquecer que os objectos têm um prazo de vida superior às memórias, que com o tempo se

perdem.

Por isso urge, o registo. A cada peça a sua memória.

Vanda Machado, antropóloga brasileira, afirma que “ é preciso manter a inter-relação entre o pensamento e acção. Isto significa que a aprendizagem significativa acontece quando a criança modifica as suas atitudes e reconhece valores da sua cultura.” (Machado, artigo disponível online, extraído em 18/10/02). Dê-se então as ferramentas necessárias à criança, para que esta cresça conhecendo e identificando-se, com os valores culturais da sua sociedade.

Uma Feira de Artes e Ofícios Tradicionais, baseada num levantamento antropológico de todos os artesãos a trabalhar entre 1995/1996, quer em regime parttime, quer em regime full-time, foi outro dos projectos educativo-culturais, que desenvolvevi.

Aproveitando a oportunidade de realização de tão grandioso projecto, envolvendo todo o Concelho do Cartaxo, resolvemos estender o projecto até aos mais novos, fazendo a ligação Comunidade/Escola. Os estabelecimentos de ensino que decidiram aderir à iniciativa, envolveram os alunos dos 3º e 4º anos do Ensino Básico, com a divulgação das suas freguesias, através dos seus artesãos e das suas actividades artesanais. Cada turma visitaria um artesão da sua freguesia e a partir daí desenvolveria um qualquer registo, que posteriormente seria exposto durante os dias de vigência da Feira.

Assim sendo, os principais objectivos da iniciativa foram:

- Fomentar a acção cultural e educativa no concelho do Cartaxo;
- Reavivar e despertar memórias colectivas;
- Relembrar e dar a conhecer sectores de actividade praticamente esquecidos;
- Dar a conhecer a nova geração de artesãos do Concelho;
- Dar a conhecer ao exterior que a riqueza cultural deste Concelho, não se esgotava na cultura da vinha e do vinho;
- Mostrar que a refuncionalização do objecto final, poderá ser um estímulo à sua revitalização e, conseqüentemente, à

sua sobrevivência.

Apesar da iniciativa não ter tido continuidade – contrariamente às nossas expectativas e aos desejos dos artesãos -, a mesma foi considerada um sucesso, porque independentemente do aspecto técnico e lúdico da iniciativa, esteve sempre subjacente a ideia de que este projecto podia e deveria ser um projecto maioritariamente educativo. E isso aconteceu com a ligação Comunidade/Escola que foi uma realidade, através do envolvimento das crianças com um *mundo* que para muitos deles era totalmente desconhecido e, por conseguinte, novo. De salientar que, em alguns casos as crianças tinham conhecimento de certas actividades artesanais, por existir ainda no seu ambiente social, uma memória familiar relativamente a determinada actividade artesanal.

Continuo a defender cada vez com mais veemência que só se pode amar e respeitar o que conhecemos. Dar a oportunidade às pessoas de conviverem com o seu passado, com a sua história e/ou com as suas raízes, é dar simultaneamente a oportunidade de se reavivarem memórias sociais e culturais e de se aprender ou reaprender a gostar de determinado património. Mais do que isto, é tão importante quanto urgente, trabalhar novas acções de preservação da memória social.

A Cultura constrói-se e reconstrói-se todos os dias. Ela é imutável. Os museus são pois, espaços privilegiados de demonstração e preservação de objectos e das actividades artesanais que lhes dão corpo.

As “máximas” são:

- Mostrar para conhecer;
- Conhecer para entender;
- Entender para gostar;
- Gostar para preservar.

Quando muitas das Autarquias portuguesas entenderem isto, a mudança acontecerá.

O antropólogo brasileiro Raul Lody diz que «tem-se que entender e educar patrimonialmente.» (Lody, artigo disponível online, extraído em 16/7/02)

Entender os objectos, é entender a sua função simbólica aceite e incorporada pelas Comunidades. Entender e ter interesse pelas Tecnologias Tradicionais é querer

saber como nasce o objecto, quem e como o concebe, que matérias-primas foram utilizadas e, que tarefas e hierarquias sociais estão envolvidas na produção artesanal de determinado objecto.

Envolver as crianças e os jovens em programas culturais e dar-lhes a oportunidade de conhecerem o que os rodeia é pois o primeiro passo para a preservação. Dar-lhes posteriormente as “ferramentas”, para a reinvenção é sem dúvida “meio caminho andado” para a continuidade.

Alexandre Fernandes Correia, antropólogo, na sua tese de Mestrado cita Mário de Andrade, onde este afirma que «é preciso abrigar os brasileiros.» (Correia, artigo disponível online, extraído em 06/7/02). Ironicamente, também penso que é preciso *aportuguesar os portugueses*. Às Autarquias e às suas políticas culturais cabe esta grande responsabilidade, por serem os organismos mais próximos das populações – pelo menos do ponto de vista físico -. Os museus vivos e dinâmicos podem pois - como espaços de aprendizagens e de contadores de histórias -, fazer a mudança.

Políticas acertadas de promoção e desenvolvimento turístico das regiões, podem também ser outra das formas de divulgação, perpetuação e desenvolvimento das Tecnologias Artesanais. O turismo é primeiro que tudo, um excelente veículo de transmissão e divulgação cultural. O imenso *vai-vem* de gentes, contribui para o estreitar de relações entre o tradicional e o moderno. Adequados planos de intervenção cultural, ajustados às realidades de cada região, podem funcionar como fortes “armas” contra a descaracterização identitária das comunidades. Como mencionei anteriormente, a Cultura é uma construção diária e permanente. Assim sendo, o intercâmbio entre “visitados” e “visitantes”, o intercâmbio entre o “Eu” e o “Outro”, é frutuoso porque se vai complexizando e crescendo diariamente. As trocas são assíduas e muito positivas, na medida em que, se dá e se recebe simultaneamente.

Os Museus são de igual modo excelentes “ferramentas” para a educação multicultural.

No ano de 2000 e 2001, estando a trabalhar na Câmara Municipal de

Azambuja, concebi um projecto para a Divisão Sócio-Cultural da Autarquia, que visava a organização de um ciclo expositivo dedicado aos Ofícios Tradicionais Portugueses, caracterizadores da vivência cultural e económica daquele Concelho.

Tendo sempre como base para este trabalho pesquisas antropológicas, a intenção foi desde sempre mostrar a toda a comunidade a riqueza cultural e artesanal do País em geral e do Concelho de Azambuja em particular

Outra preocupação, foi seleccionar temáticas que de forma directa ou indirecta estivessem ligadas à realidade do concelho de Azambuja. O ciclo “Tecnologias Tradicionais Portuguesas” foi oficialmente inaugurado a 11 Novembro de 2000 - dia de S. Martinho -, com a exposição *A Tanoaria – o falar das mãos*.



A Tanoaria – o falar das mãos

Seguiram-se posteriormente, já no decorrer do primeiro semestre do ano 2001, as exposições *O Cesto de Vindima – a mestria da tradição* e, por último, a encerrar o Ciclo expositivo, *Matança do Porco – o sabor da festa*.

A abordagem temática deste ciclo foi heterogénea, não só devido às diversas actividades artesanais estudadas e expostas, como também pela abordagem inter regional e, por conseguinte multicultural, uma vez que os três diferentes estudos foram desenvolvidos em três diferentes Concelhos de Portugal: Cartaxo, Azambuja e Borba.



O Cesto de vindima – a mestria da tradição

Todas as exposições seguiram uma mesma linha expositiva, assente principalmente na fotografia e nos artefactos que documentavam as actividades. A presença de uma quantidade bastante apreciável de objectos em todas as mostras, visava não só dinamizar o espaço expositivo, tornando-o por conseguinte mais atractivo, como visava também estabelecer um contacto mais estreito com os visitantes, ou seja, mais importante do que a mensagem transmitida através da fotografia – visão -, pretendia-se que essa mensagem fosse transmitida também através do toque – daí a presença dos objectos -.



A matança do Porco – o sabor da festa

Sempre com o objectivo de informar – para isso foram elaborados catálogos destinados ao público adulto, contendo informação escrita que não só guiava o visitante ao longo da mostra, como igualmente pormenorizava aspectos não desenvolvidos no espaço expositivo, devido

à limitação do mesmo – e educar – neste caso foram elaborados também catálogos destinados exclusivamente ao público infantil, onde se propunham essencialmente actividades lúdicas, sempre relacionadas com o que tinham visualizado na exposição -, o ciclo das “Tecnologias Tradicionais Portuguesas”, no concelho de Azambuja, foi sem dúvida uma “pedrada no charco” no marasmo e esquecimento cultural do Concelho, face a estas actividades artesanais e aos artesãos.

Um dos objectivos desta iniciativa, foi sem dúvida avaliar cada uma das exposições organizadas. Para tal foram elaborados questionários. Dos visitantes que corresponderam a esta solicitação, verificámos que todos eles seriam fortes potenciais interessados visitantes, de outras iniciativas que divulguem, promovam e mostrem as artes e ofícios tradicionais portugueses.

Tal como era pretendido, a maioria dos visitantes deste Ciclo expositivo eram residentes no Concelho de Azambuja, seguindo-se de imediato os concelhos limítrofes, como Cartaxo e Vila Franca de Xira.

Foi também um dos principais objectivos “chamar” as camadas mais jovens às exposições. Esta pretensão foi atingida, porque de forma geral as três exposições foram visitadas pela classe etária mediana (36-50 anos), com excepção da mostra dedicada à matança do porco, onde 50% dos visitantes se encontravam na faixa etária até aos 20 anos de idade¹.

Ao nível das habilitações literárias a maior parte dos inquiridos detinha a escolaridade obrigatória – à excepção da exposição dedicada ao cesto de vindima, onde a maioria tinha apenas o 1º Ciclo do Ensino Básico-. No caso da última exposição do Ciclo – matança do porco -, a maioria dos visitantes inquiridos possuía mesmo um título académico.

Relativamente à actividade profissional, a heterogeneidade é marcante e como tal a iniciativa registou visitantes de todos os sectores sociais. Nas duas primeiras exposições apurámos que a maioria dos visitantes eram do sexo masculino, à excepção da última mostra que registou mais inquiridos do sexo feminino.

Resumindo, será pois, desta e doutras formas, com esta e outras iniciativas –

sempre insistentes e continuadas - que as comunidades vão aprendendo, revivendo e valorizando o seu património. Está por consequente provado que, sendo os objectos e artefactos prova da existência e criação cultural humana, estes devem ser usados nas suas mais diversas formas para educar as gerações vindouras e relembrar à geração existente a sua história, formação e educação cultural, quer enquanto indivíduos, quer como cidadãos de uma nação.

Os artefactos são não só elementos de preservação de comunidades - mantendo desta forma a memória social desse mesmo grupo-, como também elementos de reconstrução de identidades. E os museus como espaços vivos, espaços de interpretação do real, espaços contadores de histórias do “Eu” e do “Outro”, são por consequente lugares privilegiados e evocativos da diversidade cultural humana.

Bibliografia

- Correia, Alexandre Fernandes
2001 “Mudanças no Paradigma Preservacionista Clássico: reflexões sobre património cultural e memória étnica”, artigo disponível online no site <http://www.antropologia.com.br>, retirado em 2002.
- Domenache, Jean Marie
1987 “Souveraineté politique et identité culturelle”. In *Pour une politique européenne de la culture*. Paris: Economica.
- Machado, Vanda
S/D “Mitos dos Orixás – Uma perspectiva para a educação de sujeitos autónomos e coletivos”, *II Congresso Nacional de Pesquisadores Negros*, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, artigo disponível online.
- Marques, Fernando Pereira
1995 *Que Falamos Quando Falamos de Cultura?*. Lisboa: Editorial Presença.

NOTAS

¹ Estes dados não podem ser generalizados a todo o Concelho, na medida em que estes são baseados somente no público que respondeu aos questionários. De uma forma geral foram mais os visitantes que não deixaram ficar registo, do que aqueles que o fizeram.